

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 67-86

MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS INÉDITOS DAS GRUTAS DE CARNAXIDE (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

As grutas de Carnaxide tornaram-se precocemente conhecidas, no seguimento da descoberta ocasional de uma delas, em inícios do século XIX, à qual se associou, imediatamente, uma crença religiosa, das mais interessantes que, no nosso País, se encontram relacionadas com estações arqueológicas. A imediata publicidade que se deu do facto, associada a uma rápida adesão popular garantiu, deste modo, uma generalização imediata do culto, de cariz mariano, e conduziu à construção do templo existente junto do rio Jamor, décadas volvidas, sob cuja capela-mor se localiza a referida gruta.

Os acontecimentos que conduziram àquela descoberta foram relatados na altura em que ocorreram, tendo sido publicados, nesse mesmo ano de 1822, dois folhetos, anónimos, atribuído o 1.º a Frei Cláudio da Conceição, por Figanière (*Bibliographie histor. portug.*, p. 258). O segundo será, forçosamente, do mesmo autor, pois que nele assume a autoria do outro (p. 32).

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

MEMORIA
DE HUMA LAPA,
DESCOBERTA NO DIA 28 DE MAIO DE 1822
NA RIBEIRA DE JAMOR,
FREGUEZIA DE CARNAXIDE,
E OS MAIS ACONTECIMENTOS QUE DEPOIS
SE LHE SEGUIRÃO.



L I S B O A :
NA IMPRENSA NACIONAL;
ANNO 1822.

Fig. 1 – Frontispício de um dos Folhetos atribuídos a Frei Cláudio da Conceição (CONCEIÇÃO, 1822 b).

Eis a descrição dos factos como é relatada no segundo folheto (p. 3, cujo frontespício se reproduz na Fig. 1): “Nas margens do Rio Jamor (...), descobrio o accaso huma rara maravilha da natureza. Succedeo no dia 28 de maio de 1822 (...), andarem sete rapazes nadando no dito Rio, quando vendo hum melro, o quizerão apanhar; porém fugindo este, descobrirão hum coelho, que fugindo-lhe, se metteo em uma tóca: cuidarão logo os rapazes em o apanhar, fazendo que huma cadella entrasse pela tal tóca, o que fez com violencia por ser o buraco muito pequeno (...). Tendo estes trabalhado por apanhar o coelho até ao meio dia, e não o podendo conseguir, vendo que tocava á Missa (...), taparão a tóca, deixando dentro o coelho, e a cadella, e forão ouvir Missa á sua Freguesia de S. Romão de Carnaxide.

Voltando da Missa, trouxerão huma alanterna, e huma vella; e cavando mais, fizeram o buraco tão grande, que o tal Nicolão pôde entrar dentro com a alanterna sózinho; e achando huma casa, gritou pelos outros, que também entrarão: levantarão huma laje que virão, procurando o coelho, e acharão debaixo da laje duas caveiras, e espalhados pela casa varios ossos de corpo humano, dos quaes se encheo depois hum cesto, e hum lenço, que levou o Juiz de Fôra de Oeiras, e outros estão por varias casas, que os levirão outras muitas pessoas. Acharão tambem varios pedaços de louça, e algumas pedras lisas e redondas. Finalmente apanhando o rapaz Nicolão o coelho, o trouxe para sua casa muito contente, e nella o conservou até o dia 3 de Junho, em que elle mesmo o foi entregar a S. M. o Sr. D. João VI, na companhia de Francisco Xarola, que igualmente lhe levou huma pedra das achadas, e que parecia ser rara: o que tudo S. M. benignamente acceitou.” A descrição é clara, no respeitante à natureza arqueológica dos achados. O autor passa de seguida à descrição da gruta, a qual despertou logo muito interesse por parte da população, “que de toda a parte concorria a vêr aquella raridade” (p. 7). Estavam, pois, criadas as condições no imaginário popular para que em torno da descoberta se associasse o milagre e, com ele, o culto cristão. Logo correu a notícia da aparição, “na concavidade da rocha, que fica à mão esquerda de quem entra, deitada sobre huma pedra (...), huma pequena Imagem de Nossa Senhora da Conceição, com hum manto de seda muito velho, côr de obrêa desmaiada, e huma espiquilha de prata à roda já muito velha, cujo manto estava pegado à pedra” (*op. cit.*, p. 7, 8).

Como refere L. CHAVES (1917, p. 71), “o culto principiou logo e, ao local acorreu D. Miguel, depois do conhecido desastre no trem atrelado pelas mulas “malhadas”, em que o rei quebrou uma perna”.

Nas Figs. 2 a 6 reproduzem-se registos historiando as circunstâncias que conduziram ao achado e alusivos ao culto mariano que se lhe succedeu. Este é, na verdade, um dos mais expressivos exemplos portugueses de relação entre o aparecimento da imagem de Nossa Senhora e recinto subterrâneos. Outros se poderiam citar (CHA-



**VERDADEIRO RETRATO DA MILAGROZA
IMAGEM DE N. S. DA CONCEIÇÃO DA ROCHA**

*Descoberta em 31 de Maio de 1822 nas margens do Rio de
Jaimor; Casal da Rocha Póreguia de S. Romão de Carnaxide,
de Trirno de Oeiras. Transferida p.^a a Sé de Lisboa em 5 de
Agosto de 1822 a onde presentemente he venerada.
ORA.^m S.^m Card.^m Patriarca cond. 150 dias de Indulg.^a a q.^a rezar
p.^a S. Rainhas diante desta Milagrosa Imagem.*

Na Rubrica de An.^m Joaq.^m Ribeiro na Rua da Padaria N.^o 17

Fig. 2 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

VES, 1917, p. 71), como a Senhora da Arrábida, a Senhora do Cabo e a Senhora da Nazaré.

VASCONCELLOS (1980, p. 611), salienta a importância da devoção da Senhora da Rocha de Carnaxide no próprio povoamento da região envolvente; aquela não cessou até à actualidade, culminando, por impulso decisivo de Tomás Ribeiro, cerca de 1886 que lhe dedicou poema, reproduzido em VASCONCELLOS (1896, p. 241), com a conclusão do imponente templo que actualmente se ergue no lugar, à guarda da Real Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, que anualmente organiza festividades e edita bem organizado e documentado Programa, de onde se extraíram as reproduções dos *ex-votos* alusivos à Senhora (Programas de 1986, 1990, 1991, 1992 e 1994).

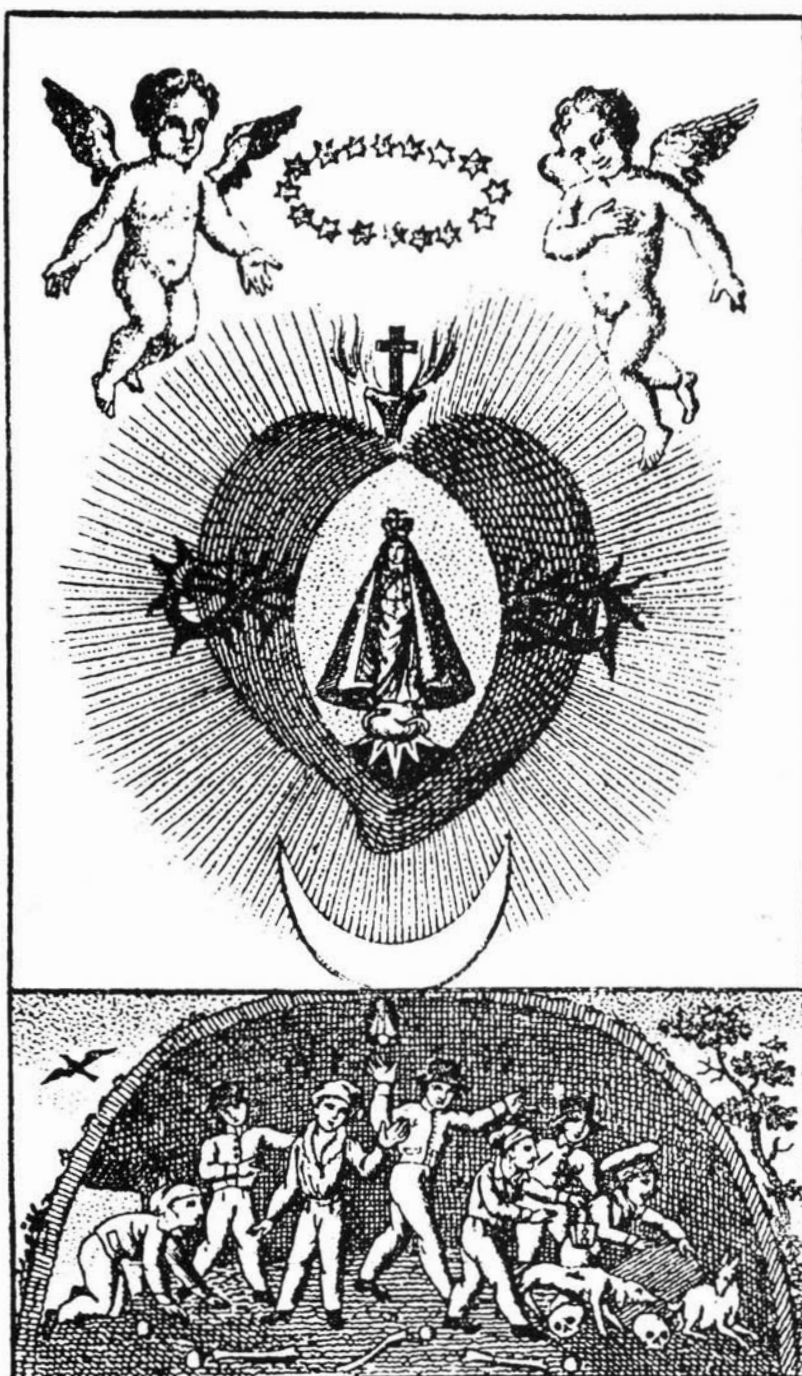
Além da gruta que celebrou o local, VASCONCELLOS (1895, p. 186) menciona a existência de outras nas proximidades, em ambas as margens do rio Jamor, tendo algumas delas fornecido também artefactos pré-históricos, como foi comprovado, por explorações promovidas pela então Comissão Geológica, sob a égide de Carlos Ribeiro (talvez síncronas das por ele realizadas na gruta da Ponte de Lage ou em Leceia). Também Mesquita de Figueiredo procedeu a sondagens em três delas, tendo obtido espólio em duas (*op. cit.*, p. 186).

As explorações na região prosseguiram; nas décadas seguintes, Abílio Roseira recolheu abundante espólio pré-histórico, em povoado pré-histórico situado na encosta sobranceira ao vale e às grutas, actualmente em estudo pelo signatário, conservado no Museu Nacional de Arqueologia.

Em 1950-51, O. da Veiga Ferreira retomou as pesquisas, tanto na área do povoado como em algumas das grutas e abrigos; tal iniciativa foi acompanhada pelo estudo dos materiais recuperados por Carlos Ribeiro (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1959) e conservados actualmente no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, em Lisboa.

Enfim, em 1958, são apresentados os resultados preliminares das escavações realizadas no povoado e das sondagens sumárias em sete das grutas vizinhas (ANDRADE & GOMES, 1959).

Estas intervenções arqueológicas de campo foram as derradeiras na região de Carnaxide, antes daquelas que nós próprios promovemos e executámos, em 1990, sob a égide do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – CMO, em pequena faixa incólume da área ocupada primitivamente pelo povoado pré-histórico. Com efeito, a zona arqueológica mais importante, pela concentração de achados à superfície – e onde se realizaram os trabalhos de escavação na década de 1950 – foi intencionalmente coberta por aterro que, na parte terminal, atinge mais de 5 m de espessura, pelo proprietário do terreno, inviabilizando presentemente trabalhos arqueológicos os quais, sem dúvida, trariam novos e importantes elementos. Procuraremos realizá-los num futuro próximo.



N.SDA CONCEIÇÃO DA ROCHA.

Fig. 3 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.



N. S. DA CONCEIÇÃO DA ROCHA
*Descoberta na Ribeira de Tamar Freg.^a
de Carnachide em 28 de Maio de 1822.*

Fig. 4 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.



N. S. DA CONCEIÇÃO DA ROCHA

Fig. 5 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

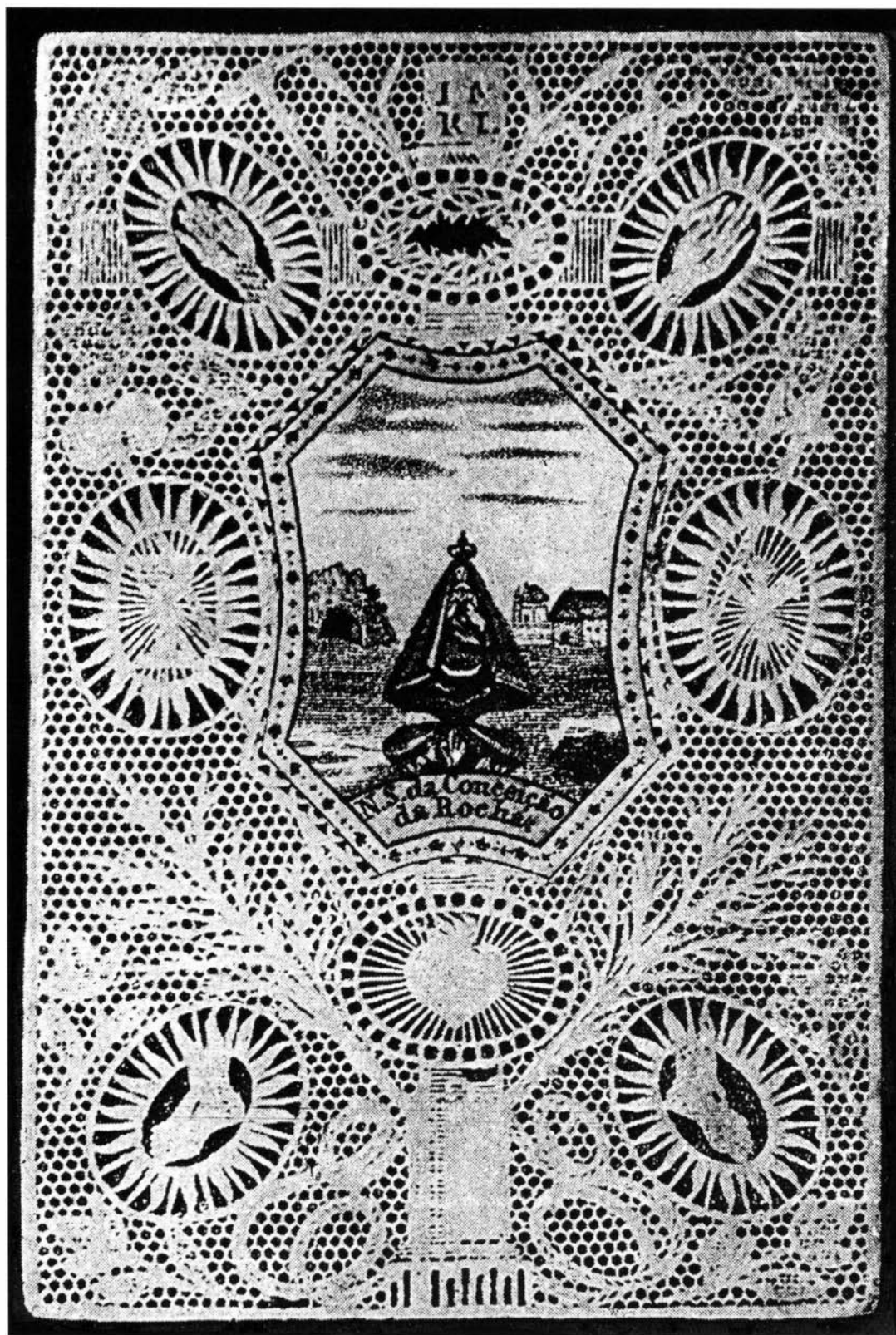


Fig. 6 – Ex-voto (“registro”) alusivo a Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

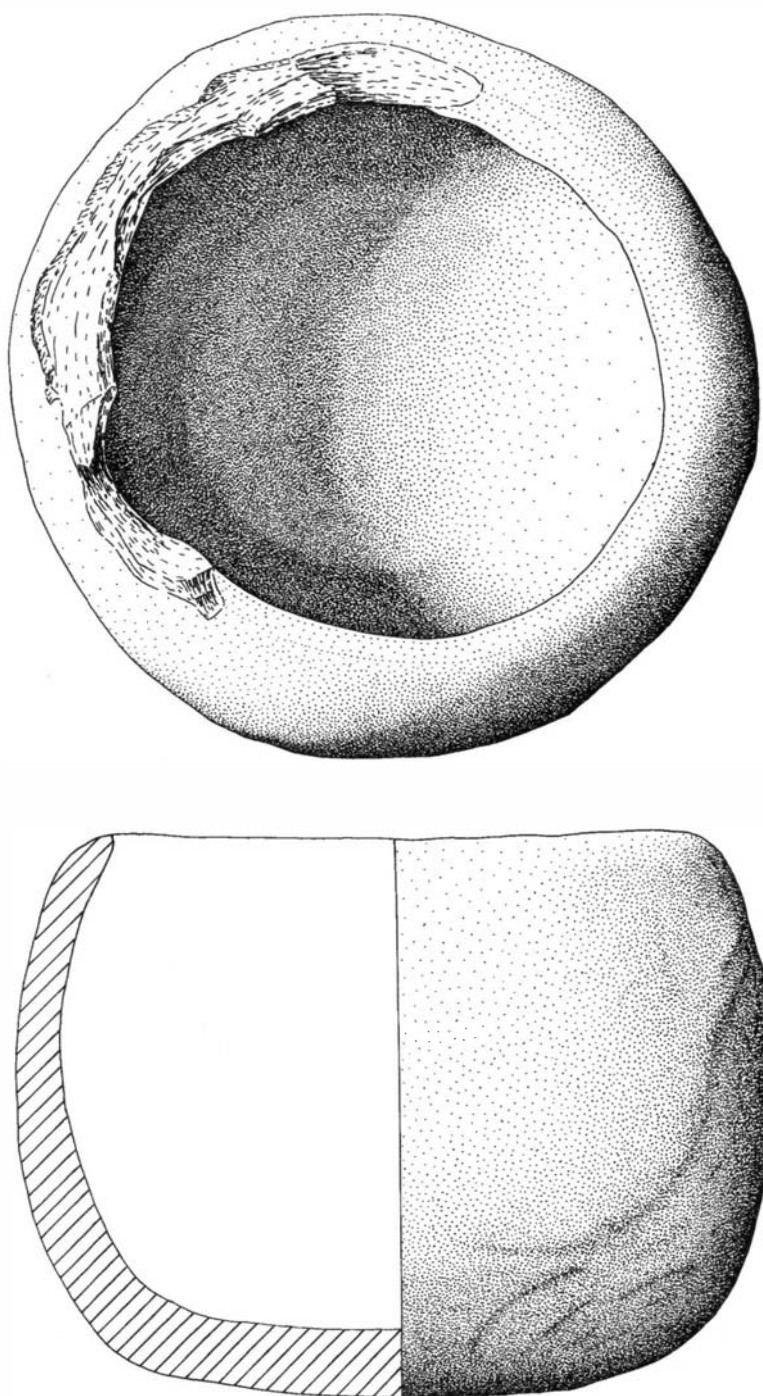


Fig. 7 – Grutas de Carnaxide. Vaso esférico de fundo achatado.

2 – MATERIAIS

Os materiais que serão a seguir estudados conservam-se no Museu Nacional de Arqueologia. Provêm de Carnaxide e não possuem número de inventário. As suas características, designadamente o bom estado de conservação, fazem crer que prove-nham de uma ou mais das grutas atrás referidas e não do povoado, como claramente se conclui do facto de se encontrarem intactos. Duas das peças foram desenhadas por Francisco Valença conforme rubrica do próprio (Fig. 7 e Fig. 8, n.º 1), que trabalhou no Museu de 1920 a 1952 (MACHADO, 1964, p. 102, nota 67); a restante (Fig. 8, n.º 2) ostenta a indicação de ter sido desenhada por JSM, iniciais de João Saavedra Machado, que foi desenhador do Museu de 1912 a 1920 (MACHADO, 1964, p. 64, nota 15). É lícito admitir-mos, tal a coerência do conjunto, que tenham sido integra-das nas colecções do Museu de uma só vez, em ano anterior a 1920. Assim sendo, é provável que resultem das explorações efectuadas em três daquelas grutas por Mesquita de Figueiredo, das quais sabemos que duas deram espólio (embora VAS-CONCELLOS, 1895, p. 186) lhes reporte, apenas, fragmentos de “instrumentos de pedra”. É possível que explorações ulteriores daquele investigador tenham condu-zido a estes achados. Com efeito, A. Mesquita de Figueiredo apresentou, ulterior-mente, em 28 de Outubro de 1900, à 5.ª Sessão Plenária da Sociedade Archeologica Santos Rocha, da Figueira da Foz, comunicação não publicada no respectivo Boletim, mas apenas noticiada por P. Belchior da CRUZ (1901, p. 60), intitulada “Descobertas archeológicas em Lisboa”. Nela fez menção ao “achado de abundantes valvas de *thelis* nas grutas de Carnaxide”, prova de que terá dado continuidade às aludidas explorações. Talvez que as desinteligências, entretanto surgidas, entre Mesquita de Figueiredo e Leite de Vasconcelos, a partir de 1908, referidas pelo segundo com pormenor (VASCONCELLOS, 1915, p. 140 e seg.), tivessem aquele impedido de publicar os materiais exumados, entretanto depositados no Museu diri-gido por Leite de Vasconcelos.

Esta é a hipótese mais credível para explicar a presença destes materiais no Museu Nacional de Arqueologia, até ao presente inéditos; não se vislumbra alternativa, até porque as explorações de Abílio Roseira na zona só se iniciaram na década de 1920, quando João Saavedra Machado já não trabalhava no Museu.

Os materiais em apreço são os seguintes:

1 – Esférico achatado, de bordo reentrante e fundo aplanado. Exemplar inteiro, exceptuando porções junto do bordo. Cerâmica lisa, bem acabada superficialmente, de textura média. Diâmetro máximo – 99 mm; altura máxima – 74 mm (Fig. 7). Possui etiqueta colada no centro do fundo, do lado externo com a menção des. FV.

2 – Pequena taça em calote de bordo simples, levemente marcado, lábio convexo e fundo convexo. Superfície rugosa, mal alisada. Pasta de textura média. Diâmetro

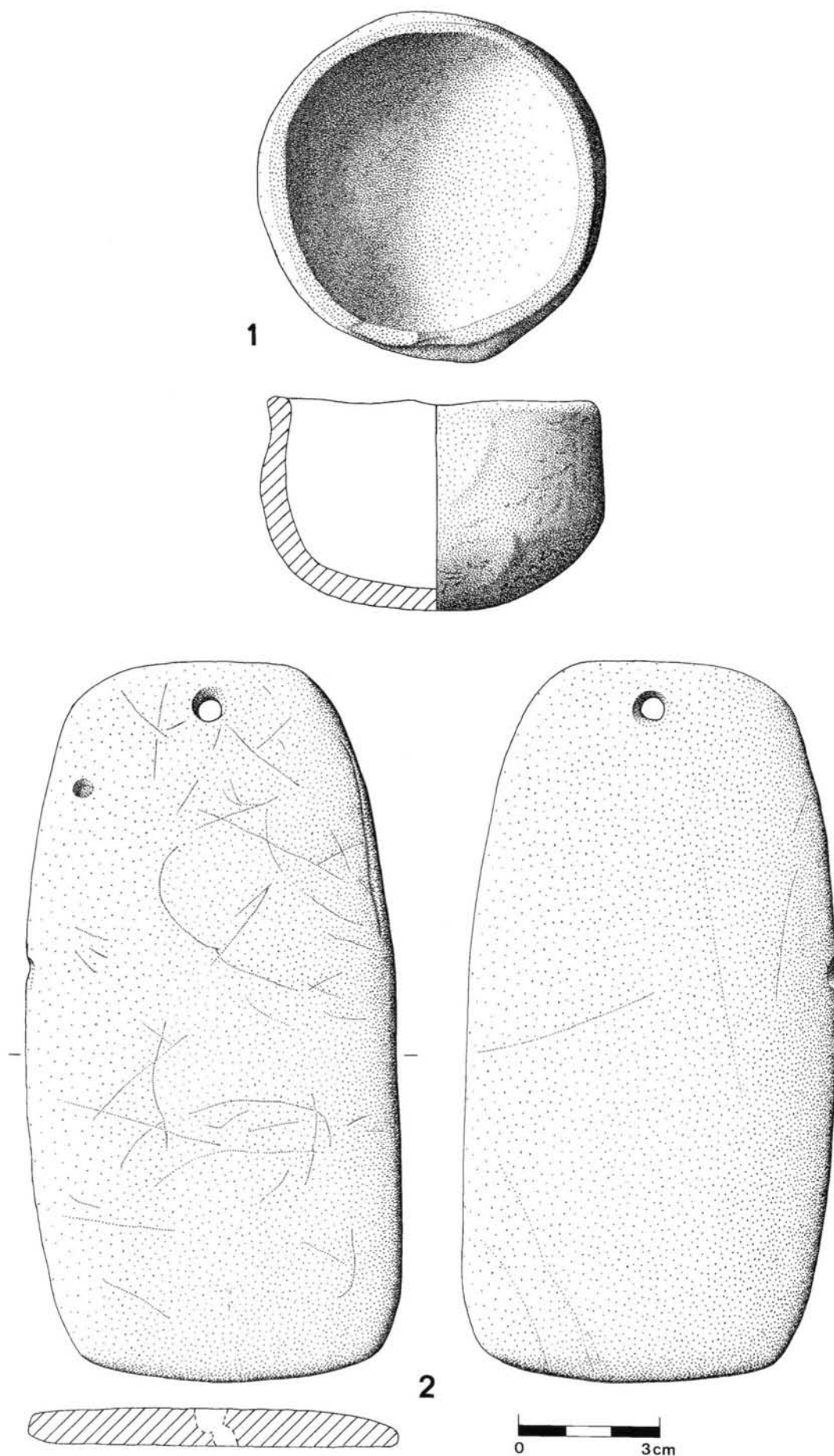


Fig. 8 – Grutas de Carnaxide. Em cima: pequena taça em calote de bordo ligeiramente marcado e lábio convexo; em baixo: placa de xisto lisa.

máximo – 62 mm; altura máxima – 38 mm (Fig. 8, n.º 1). Possui etiqueta colada no centro do fundo, do lado externo, com a menção des. FV.

3 – Placa de xisto acinzentado, lisa de ambos os lados, de bordos laterais bombeados, e de contorno geral quase subrectangular, possuindo a meio do lado de menores dimensões, um furo de secção bicónica. Altura máxima – 130 mm; largura máxima – 67 mm (Fig. 8, n.º 2). Possui escrito a tinta da china, numa das faces, a indicação des. J.S.M.

Os desenhos de Francisco Valença e de João Saavedra Machado não se localizam, nas pastas dos originais actualmente conservados no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

3 – COMPARAÇÕES

Dos três artefactos é, sem dúvida, a placa o que oferece maior interesse. De facto, os dois vasos lisos, integram-se bem nas chamadas “cerâmicas dolménicas”, cuja cronologia remonta, essencialmente, ao Neolítico final, o mesmo se verificando com a placa de xisto. esta apresenta a particularidade invulgar de não ser gravada. Os paralelos encontrados são os seguintes:

– **Anta do Curral da Castelhana (Alcoutim)** – este monumento megalítico forneceu duas placas de xisto lisas, das quais uma tem um furo de suspensão (Fig. 9, n.º 6). Considerando a tipologia dos recipientes cerâmicos a que se encontravam associadas, o seu escavador perfilhou a hipótese de uma sepultura de “pastores megalíticos”, contemporâneos do Calcolítico (GONÇALVES, 1988, Est. 122, 246; GONÇALVES, 1991, p. 342). Assim sendo, às placas de xisto lisas não estará implícita qualquer ideia de arcaísmo, a confirmar-se a cronologia dos recipientes cerâmicos e a serem estes contemporâneos das placas. Não haverá, deste modo, lugar à sobrevalorização da ausência de decoração, a qual se poderá entender, tão-somente, como “epifenómeno”, considerando a notória diversidade de tais ideoartefactos.

– **Cumiada (Silves)** – de uma sepultura do tipo silo, neolítica, provém uma placa em tudo idêntica à de Carnaxide (Fig. 10, n.º 3), publicada por VASCONCELOS (1918, Fig. 29).

– **Palhota (Santiago do Cacém)** – Uma pequena placa lisa, de contorno trapezoidal e desprovida de perfuração provém deste monumento megalítico (Fig. 9, n.º 3); foi paralelizada com homólogas da região de Almería (SOARES & SILVA, 1976/77, p. 148, Est. 6, n.º 70).

– **Gruta I de Palmela** – uma das grutas artificiais desta notável necrópole continha uma placa lisa (Fig. 10, n.º 5) com uma perfuração (LEISNER, 1965 Tf. 96; LEISNER *et al.*, 1961, p. 32).

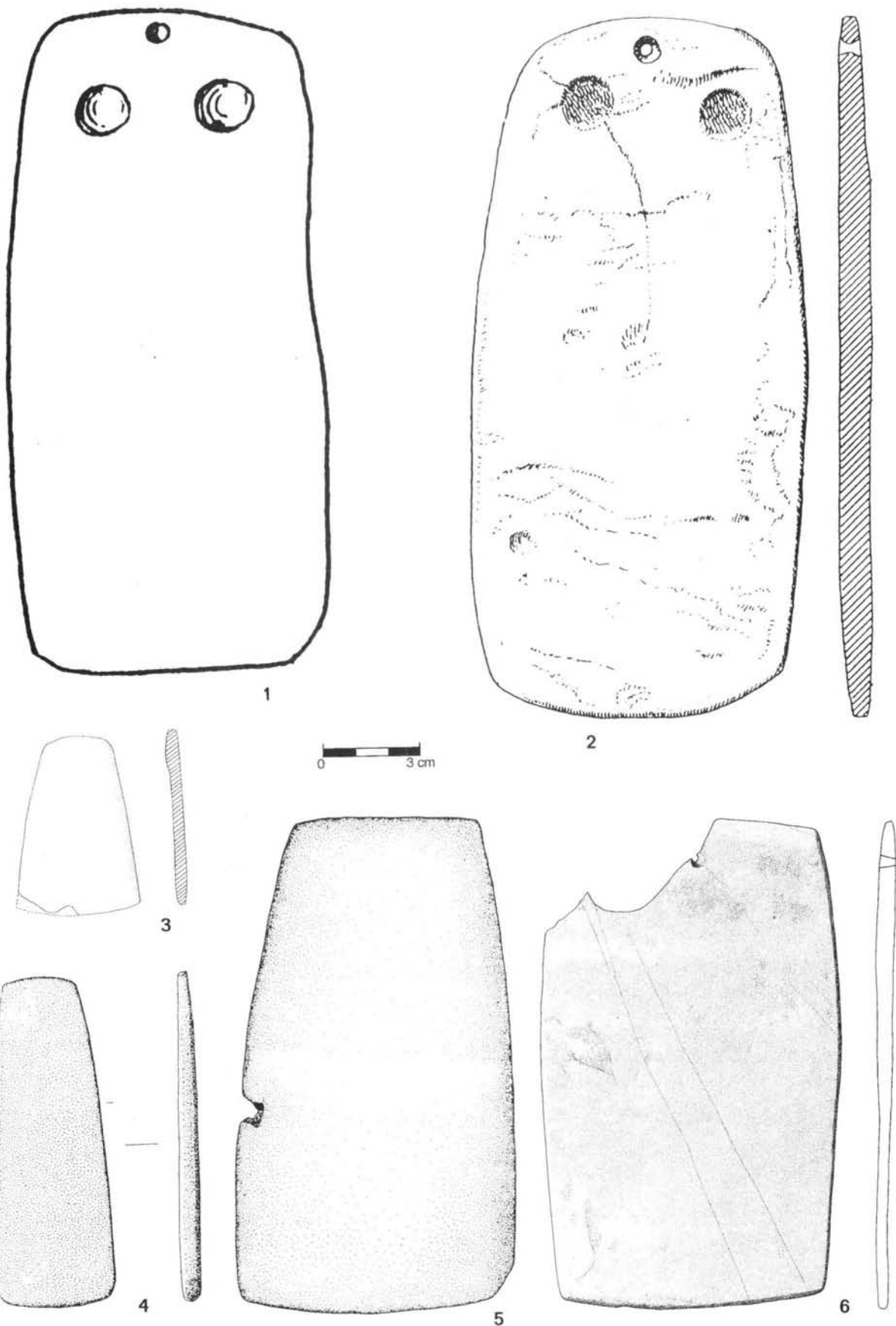


Fig. 9 – Placas de xisto lisas. 1 - da anta da herdade de Portugal, Ponte de Sor; 2 - da sepultura do Cabeço da Arruda 1; 3 - da anta da Palhota, Santiago do Cacém; 4 - da Caverna das Alqueires, Coimbra; 5 - da anta de Lanchas 1, Valencia de Alcantara; 6 - da anta do Curral da Castelhana, Alcoutim (1, seg. LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 16; 2, seg. LEISNER, 1965, Tf. 6; 3, seg. SILVA & SOARES, 1976/77, Est. VI; 4, seg. VILAÇA & RIBEIRO, 1994; 5, seg. BUENO RAMIREZ, 1988, Fig. 54; 6, seg. GONÇALVES, 1988, Fig. 122.

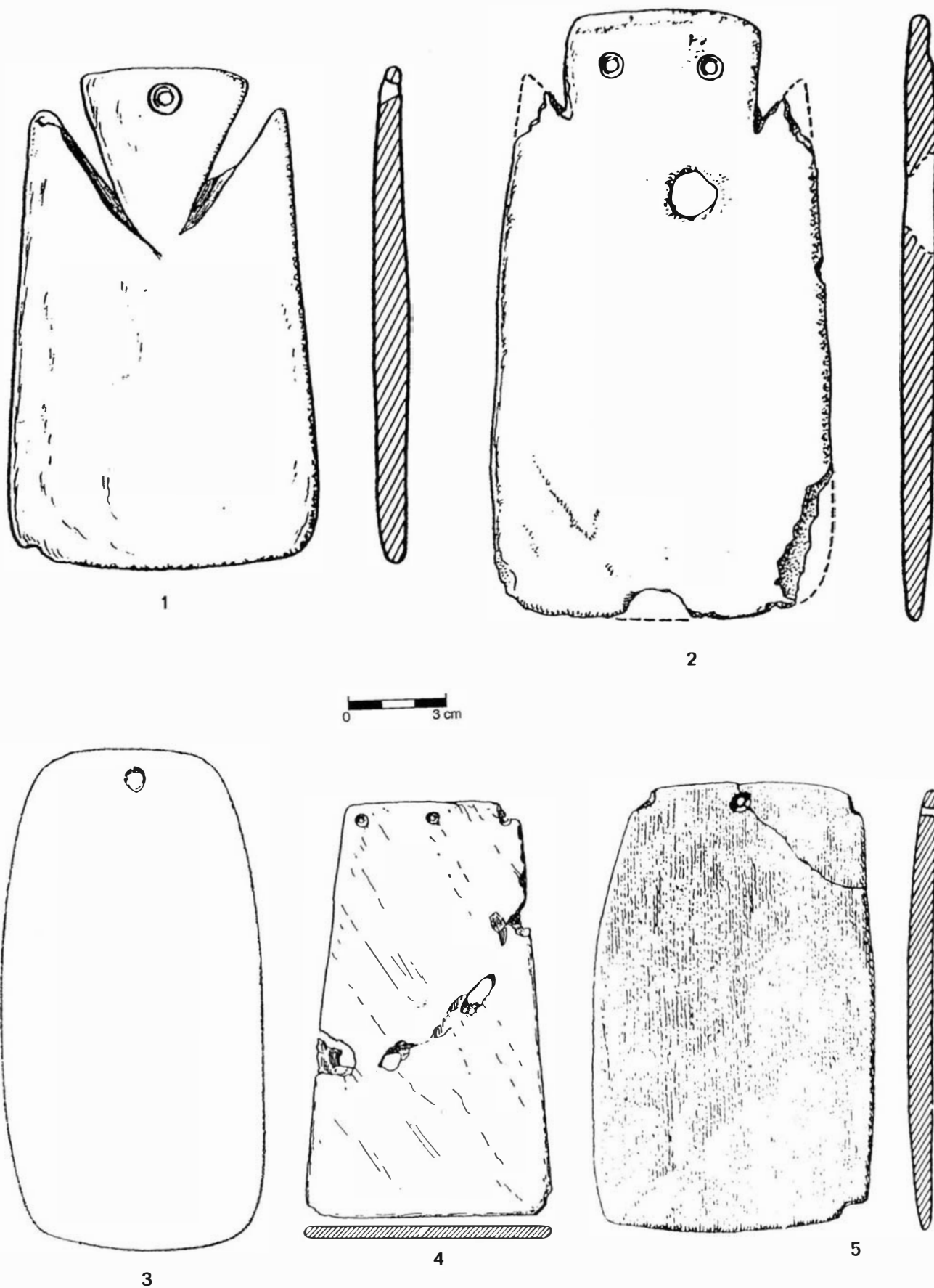


Fig. 10 – Placas de xisto lisas. 1 - do concelho de Marvão, anta desconhecida; 2 - da anta da Marquesa (Marvão); 3 - da sepultura do tipo silo, de Silves; 4 - de anta da região de Granada; 5 - da gruta I de Palmela (1 e 2, seg. LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 4; 3, seg. VASCONCELOS, 1918, Fig. 29; 4, seg. LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 44; 5, seg. LEISNER & LEISNER, 1965, Tf. 96).

– **Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras)** – desta sepultura provém uma placa com duas depressões simétricas no terço superior (LEISNER, 1965, Tf. 6), reproduzida na Fig. 9, n.º 2.

– **Tholos da Praia das Mações (Sintra)** – um exemplar igualmente com duas depressões simétricas no terço superior (GONÇALVES, 1982/83, Fig. 19, n.º 2).

– **Marvão** – de antas da região de Marvão – a anta da Marquesa e outra de localização desconhecida – LEISNER & LEISNER (1959, Tf. 4, n.ºs 5, 11; 6.1) representam dois exemplares lisos, com recorte, individualizando uma “cabeça” pouco marcada, com perfuração (Fig. 10, n.ºs 1 e 2).

– **Crato** – na anta 2 da Herdade da Costa, recolheu-se uma placa lisa, de contorno trapezoidal alongado, de xisto micáceo. O orifício abre-se ao centro da base menor e encontra-se ladeado por duas depressões, situadas um pouco abaixo, de contorno circular, obtidas por picotagem (ISIDORO, 1973, Fig. 15). Simbolizariam dois seios, reforçando a atribuição à divindade feminina de estes artefactos votivos.

– **Ponte de Sor** – das antas das herdades de Portugal ou de Besteiros, LEISNER & LEISNER (1959, Tf. 16, n.º 7,7) reproduzem uma placa lisa com duas depressões simétricas no terço superior (Fig. 9, n.º 1).

Fora do nosso País, as placas de xisto gravadas são pouco abundantes, circunscrevendo-se às regiões fronteiriças de Espanha e às províncias de Almería, Cádiz e Granada:

– **Caverna das Alqueves (Coimbra)** – em escavações recentes (VILAÇA & RIBEIRO, 1994) exumou-se uma pequena placa trapezoidal sem furo de suspensão (Fig. 9, n.º 4).

– **Lanchas I** – dolmen de Valência de Alcântara, que conservava uma “Placa trapezoidal em pizarra grisácea, completamente pulimentada, pero sin ninguna decoración ni agujero de suspensión” (BUENO, 1988, p. 52 e Fig. 53 e 54). O exemplar espanhol (Fig. 9, n.º 5) aproxima-se, pois, do de Palhota, pelo carácter apontado.

– **Alicún** – dos sepulcros megalíticos de Alicún (Granada) encontra-se representada por LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 44, n.º 11), uma placa trapezoidal lisa, com três perfurações no lado menor (Fig. 10, n.º 4), aparentemente associada a uma placa gravada com triângulos, a pontas de seta de base profundamente cavada e a um bracelete de *G. glycimerys*. Trata-se de uma das raras ocorrências de placas gravadas em monumentos megalíticos do Sul peninsular.

– **Llano de la Rueda 1** – LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 2, n.º 4), figuram exemplar com duas depressões circulares; trata-se de sepultura da província de Almería.

– **Tholos 1 de Los Millares** – LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 11, n.º 1) representam placa lisa com três furos de suspensão, de esta sepultura da província de Almería.

– **Loma de las Eras** – da sepultura 1 (Tabernas Almería), LEISNER & LEISNER (1943, Tf. 29, n.º 1) publicam outro exemplar liso.

Os autores referidos assinalam três placas lisas na província de Cádiz, e seis na de Granada (*op. cit.*, Tf. 179). Porém, desconhece-se a tipologia, em pormenor, de tais artefactos, bem como a respectiva matéria-prima, já que a convenção adoptada precisa, apenas, a forma (sub-trapezoidal), com um furo de suspensão (*op. cit.*, Tf. 178).

4 – CONCLUSÕES

Os materiais estudados constituem uma pequena colecção homogénea, no respeitante à cronologia e integração cultural; trata-se, com efeito, de conjunto atribuível ao Neolítico final, de feição dolménica, sendo-lhe, por conseguinte, aplicável cronologia correspondente à 2.^a metade do IV milénio a.C., ou a princípios do milénio seguinte.

A ocorrência de cerâmicas idênticas em grutas naturais é bastante frequente na região da baixa península de Lisboa, tendo nesta região sido esta a forma de sepulcro mais frequente, substituindo, em larga medida, os monumentos dolménicos, aqui bastante escassos. É neste sentido que a expressão “megalitismo em grutas” ganha significado (GONÇALVES, 1992, p. 172).

A utilização funerária das pequenas grutas ou abrigos naturais existentes ao longo das margens do rio Jamor, perto de Carnaxide, esteve certamente relacionada com a existência de um importante povoado pré-histórico, na plataforma que domina este trecho do vale, situado na sua margem esquerda. Com efeito, é importante nesse local a presença de materiais coevos dos agora estudados especialmente documentados pelos característicos bordos denteados. Aliás, a relação entre povoados e grutas naturais utilizadas como necrópoles, foi anteriormente referida (CARDOSO & CARDOSO, 1993, p. 31) estando bem documentada em Carnaxide. Tal relação encontra-se ilustrada por outro exemplo da área de Oeiras. Trata-se do povoado pré-histórico de Leceia, cuja escarpa calcária que o limita do lado oriental possui uma pequena gruta natural utilizada como depósito mortuário secundário (RIBEIRO, 1878; CARDOSO *et al.*, 1991). Enfim, a gruta de Ponte da Lage, foi utilizada como necrópole provavelmente dos habitantes do povoado neolítico das Penas Alvas (CARDOSO & CARDOSO, 1993), situado no alto sobranceiro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às seguintes individualidades a colaboração amigavelmente prestada:

- Dr. Francisco Alves, Director do Museu Nacional de Arqueologia, que autorizou o estudo dos materiais de Carnaxide, ali conservados.

- Arq. M. Varela Gomes, a indicação bibliográfica da placa de xisto da Cumiaada.

- Eng. João Caninas, as informações relativas às placas lisas da região de Marvão.

- Prof. Doutor Jorge Oliveira, da Universidade de Évora, as indicações sobre as placas lisas da província de Cáceres.
- Dr. Valle de Figueiredo e Sr. João Torres Heitor, da Real Irmandade de N. Sr.^a da Conceição da Rocha.

BIBLIOGRAFIA

- BUENO RAMIREZ, P. (1988) – Los dolmens de Valência de Alcântara. *Excavaciones Arqueológicas en España*, Direccion General de Bellas Artes y Archivos. Madrid.
- CARDOSO, João Luís & CARDOSO, G. (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (CMO), 4, 126 p.
- ANDRADE, G.M. & GOMES, J.J.F. (1959) – Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 137-146.
- CARDOSO, João Luís & CARDOSO, Guilherme (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 4, 125 p.
- CARDOSO, João Luís; CUNHA, A.S. & AGUIAR, D. (1992) – O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2, p. 1-85.
- CHAVES, L. (1917) – Sobrevivências neolíticas em Portugal. Vestígios líticos em concordância ou paralelismo, e na toponímia. *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 4, p. 55-81.
- CONCEIÇÃO, Frei Claudio da (1822a) – *Descrição de um prodígio raro e descoberto em huma lapa*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- CONCEIÇÃO, Frei Claudio da (1822b) – *Memoria de huma lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822 na ribeira do Jamor; Freguesia de Carnaxide e os mais acontecimentos que depois se lhe seguirão*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- CRUZ, P.^e Belchior da (1901) – Sociedade Archeologica Santos Rocha. *O Archeologo Português*, 6, p. 59-60.
- GONÇALVES, J.L.M. (1982/83) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*, I-II (1), p. 29-57.
- GONÇALVES, V.S. (1988, 1991) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa, INIC/UNIARQ, 2 vol. (Estudos e Memórias).

- GONÇALVES, V.S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Cadernos da Uniarq, 2, 264 p., Lisboa.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1976/77) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo litoral. A sepultura de Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, p. 63-88.
- LEISNER, V. (1965) – *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Madrider Forschungen, Band 1, Tafeln. Berlin, Walter de Gruyter & Co.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Erster Teil: Der Süden. Römisch - Germanische Forschungen, Band 17, Tafelband. Verlag von Walter de Gruyter & Co., Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Der Westen. Tafeln. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co., Berlin.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 8 (N.S.). Lisboa.
- MACHADO, J.L.S. (1964) – Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, S. II, 5, p. 51-448.
- N/A (1990) – Beve historial da Senhora da Rocha. *Historial & Programa das tradicionais festividades em honra de Nossa Senhora da Conceição da Rocha*, p. 7-13. Carnaxide.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. – Notícia da estação humana de Licêa*. Memória apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tipografia da Academia. Lisboa.
- ISIDORO, A. F. (1973) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. *Trabalhos de Antrop. e Etnol.*, 22 (2), p. 107-124.
- VASCONCELOS, J. L. de (1895) – Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 1, p. 182-191.
- VASCONCELOS, J.L. de (1896) – Gruta da Senhora de Carnaxide. *O Arqueólogo Português*, 2, p. 241-243.
- VASCONCELOS, J.L. de (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Imprensa Nacional. Lisboa.

VASCONCELOS, J.L. de (1918) – Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve). *O Arqueólogo Português*, 23, p. 104-138.

VASCONCELOS, J. L. de (1980) – *Etnografia Portuguesa*, 2, p. 611-612. Lisboa, Imprensa Nacional.

VILAÇA, R. & RIBEIRO, J. P. (1994) – Gruta dos Alqueves. *Informação Arqueológica*, 9, p. 53.

ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. & FERREIRA, O. da V. (1959) – Antigas prospecções arqueológicas realizadas na área de Carnaxide. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 41, (2), p. 114-120.